

VISÃO DO CORREIO

Ciranda imperfeita num país de risco

O Brasil projetado nos computadores dos investidores se distancia rápido do país que o governo tenta vender como economia em franca recuperação, seguindo o que os economistas chamam de crescimento em “V”, representação de vertiginosa expansão após queda. Na semana passada, em mais uma de suas colocações inadequadas, o ministro da Economia, Paulo Guedes, classificou de “conversinha” as previsões que vêm indicando inflexão das taxas de expansão do Produto Interno Bruto (PIB) e aumento da inflação.

Guedes insiste num cenário descolado dos rumos dos indicadores econômicos e vai na contramão do próprio Banco Central, sem convencer sobre a tese de que “cada um vai fazer o seu trabalho” pelo crescimento. Ao que parece ser uma pregação em deserto, a autoridade monetária promoveu o maior aumento da taxa básica de juros em quase duas décadas, enquanto o Palácio do Planalto avança o sinal do gasto público.

A deterioração das contas do governo, que articulou a liberação de bilhões de reais em ano eleitoral, leva a taxa básica de juros (Selic), de 6,25% ao ano para 7,50% anuais, ao nível mais alto dos últimos quatorze anos. Com surpresa, a Federação das Indústrias do Rio de Janeiro considerou o aperto exagerado pela simples razão de que a inflação elevada não resulta de demanda da população. Em seu comunicado, o Comitê de Política Monetária (Copom) apresentou como justificativa a piora do quadro fiscal.

A expectativa é de que a Selic encerre 2021 em 9,25% ao ano. Para 2022, espera-se que a taxa rompa os dois dígitos e fique em 10,25%. As previsões de inflação subiram pela 30ª semana, agora, de 8,96% a 9,17% neste ano e de 4,40% a 4,55% em 2022. São números bem superiores ao centro da meta de 3,75% em 2021 e 3,5% no ano que vem.

Outros países, como o Brasil, convivem com crise de insumos, a exemplo da energia elétrica, e a retomada da economia mundial pressiona a oferta dos combustíveis, traduzida na elevação dos preços do petróleo. A diferença está nas incertezas política e fiscal irradiadas do Palácio do Planalto, e que alimentam os reajustes decorrentes do custo de matérias-primas e seus reflexos na desvalorização do real frente ao dólar.

Esse desafio, no entanto, só parece ser percebido e combatido pelo BC. Enquanto isso, o ministro defende o dribble no teto de gastos, o adiamento do acordo dos precatórios e desconhece as dificuldades que os juros mais altos vão impor a um país que necessita crescer. A diretriz que os analistas de bancos e corretoras sinalizam é de que a Selic não terá volta e deve alcançar dois dígitos no ano que vem.

A falta de convergência no discurso do governo se agrava quando o BC promove um arrocho monetário que os brasileiros não viam há anos, uma espécie de tiro no pé, uma vez que o Brasil precisa de crescimento e recuperação de emprego, frente a 2020, em abertura sustentável de vagas. Não aquelas dominadas pela informalidade, mas as oportunidades capazes de frear a desocupação com oportunidades que não venham precarizar as condições do trabalhador.

A ciranda que complica a situação do país está formada. A mesma decisão de turbinar os juros básicos da economia como mecanismo de controle da inflação torna o crédito mais caro, o que significa menos investimentos, empregos e consumo. É um tipo de luxo inaceitável num país combalido pelo drama de mais de 600 mil mortos pelo coronavírus, uma população de 31,1 milhões de desempregados e subocupados e mais de 581 mil empregadores que fecharam seus negócios nos últimos dois anos, segundo o IBGE.



» Sr. Redator

Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Crimes

Crime é crime, desde que Caim matou Abel. Há crimes de diversos tipos: dolosos, de ação violenta, opressão, perseguição, exorbitância, esbulho, confisco; resultando em lesão ou morte. A lista de atos contra o direito e a Justiça é infinita. A CPI não inventou crimes novos, apenas deu nomes aos bois. Dizer que negacionismo ou tratamento precoce não ocasionaram milhares de mortes de brasileiros é desdenhar dos fatos. A pandemia revelou que agentes públicos cometeram, para começo de conversa, crimes de negligência. Ou seja: falta de diligência e de cuidados, inadvertência, desatenção, omissão, incúria, inobservância. E também: descuido, displicência, descaso, imprevidência, desídia, desinteresse, indiferença. E convívio com o erro. Há crimes hediondos e crimes contra a humanidade, tipificados pelo Tribunal de Roma em 1998 e enumerados no Art. 3º da Declaração Universal de Direitos Humanos: “Todo indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal”. Ignorar o que se passou não atenua nem exime entes públicos de atos e omissões perante a população brasileira. “Quem decide, julga, pune, quem é culpado ou inocente?” Respostas com o Tribunal da História, que não deixará pedra sobre pedra.

» **Thelma B. Oliveira,**
Asa Norte

Decisão judicial

Cumprir decisão judicial é frase usual nos meios administrativo e político. No art. 1º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) é determinado que os membros do Congresso Nacional prestem o compromisso de manter, defender e cumprir a Constituição. O Art. 100 da Carta Magna e outros artigos do ADCT tratam dos débitos de caráter alimentar, de responsabilidade da Fazenda Pública Federal, havendo a determinação de os débitos serem pagos aos titulares com 60 anos (ou mais) ou sejam portadores de doença grave, com preferência sobre todos os demais débitos. Outra determinação: “É obrigatória a inclusão, no orçamento das entidades de direito público, de verba necessária ao pagamento de seus débitos, oriundos de sentenças transitadas em julgados, constantes de precatórios judiciais apresentados até 1º de julho, fazendo-se o pagamento até o final

Desabafo

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Medicina robótica:
procedimentos menos
invasivos e mais qualidade
de vida aos pacientes.
Inteligência artificial:
futuro é agora.

José Matias-Pereira — Lago Sul

Atualmente, os vestidos estão
sendo confeccionados com
a cintura acima da linha
natural do corpo, causando
desconforto em quem os usa.

Maria Guimarães Lopes — Águas Claras

Vou deixar minha oração a
todos aqueles que se foram,
vou pedir que descansem na
paz do Senhor e que um dia
nos reencontremos em outro
mundo. Até esse dia!

José Ribamar Pinheiro Filho — Asa Norte

É engraçado ver meia dúzia
de comunistas se manifestar
a favor do impeachment do
presidente da República.

Sebastião Machado Aragão — Asa Sul

As áreas, bem definidas, seriam reflorestadas com o que existia de mais moderno em tecnologia agrícola. Para que isso acontecesse, buscar-se-ia o apoio do governo brasileiro, recursos estrangeiros, iniciativa privada no Brasil, o que se constituiria num “boom” tecnológico de reflorestamento. Essas áreas seriam setorizadas quanto a áreas desmatadas, onde se daria o plantio de árvores nativas e de árvores que se adaptassem à região. Quem sabe, não surjam hoje especialistas que aproveitem a onda de otimismo que paira sobre o mundo, por ocasião da COP26.

» **Eneido Corrêa da Silva,**
Asa Sul

do exercício seguinte, quando terão seus valores atualizados monetariamente”. Ao elaborar o projeto de lei orçamentária para 2021, o Ministério da Economia sabia (ou deveria saber), dessas obrigações constitucionais e se o governo, presentemente, deseja implantar novos programas sociais, portanto, não previstos na Lei Orçamentária, outras fontes de recursos devem ser canceladas e os recursos oferecidos via crédito adicional. Para novas despesas há que se indicar as fontes de recursos, desde que não sejam os de precatórios pertencentes, por decisão judicial, a servidores, de modo geral aposentados, inclusive a herdeiros. As senhoras deputadas e os senhores deputados não devem pactuar com o calote.

» **Torquato Fernando Lima,**
Asa Norte

Carbono

Ao aproveitar a grande ênfase que está sendo dada à COP26, em Glasgow, considera-se aqui o bônus carbono. Na década de 1990 já havia uma corrida para obter vantagem financeira com a redução do gás carbônico da atmosfera. Uma das iniciativas foi realizada por componentes de uma equipe que se organizou para esse fim. A iniciativa, no entanto, não vingou por falta de apoio logístico. Mas isso se deu na cidade de Campinas, SP. Entre eles, estavam minha pessoa, especialista em Agroecologia e Estatística, Fuad Gattaz Sbo, especialista em Computação Científica, e Ronaldo Arruda, especialista em Engenharia Civil. Seria realizado em projeto de longo alcance. Esse contemplaria áreas na Amazônia para reflorestamento. Seriam mapeadas áreas de desmatamentos, em toda sua dimensão. Essas áreas, bem definidas, seriam reflorestadas com o que existia de mais moderno em tecnologia agrícola. Para que isso acontecesse, buscar-se-ia o apoio do governo brasileiro, recursos estrangeiros, iniciativa privada no Brasil, o que se constituiria num “boom” tecnológico de reflorestamento. Essas áreas seriam setorizadas quanto a áreas desmatadas, onde se daria o plantio de árvores nativas e de árvores que se adaptassem à região. Quem sabe, não surjam hoje especialistas que aproveitem a onda de otimismo que paira sobre o mundo, por ocasião da COP26.

» **Eneido Corrêa da Silva,**
Asa Sul



RODRIGO CRAVEIRO
rodrigocraveiro.df@dabr.com.br

Incomoda, sim...

Sim, incomoda. O estômago que revira sem nada, a barriga vazia que dói. A vista turva, o corpo frágil e trêmulo. A fila diante do caminhão de lixo. Meu Deus, um caminhão de lixo! Pessoas degradadas a zumbis reviram os sacos com restos de comida misturados a papel higiênico usado, preservativos e sabe-se lá mais o quê. Uma senhora carrega um balde. Espera a sua vez de caçar algo que possa comer. Outros homens se debruçam sobre o compartimento onde os restos são amassados e lançados para dentro da caçamba. Em algum lugar de Brasília, um engravado se resfolega depois de um banquete farto. A camisa quase desabotoa ante a saciedade. O suor rompe-lhe a face. Sente-se completo.

Como incomoda o bando de gente transformada em semiabutres. De cócoras no chão, catam pedaços de ossos. Talvez os nacos alimentariam cães ou iriam para alguma indústria de ração. Dali para uma fazenda, onde voltariam em forma de ossos. De cócoras no chão, também está a dignidade do ser humano. A mesma dignidade que enfeita o inciso III do artigo 1º da Constituição de 1988. Um princípio fundamental menosprezado, achincalhado por nossas autoridades. As mesmas que se fartam com o dinheiro público e se dizem dignas de confiança e de reputação ilibada. Anos atrás, li uma reportagem no

Correio sobre uma família da Estrutural que assava um rato para comer. A fome faz voltar à era das trevas.

Em um semáforo qualquer, um pai de família segura um cartaz. Está desempregado. Assim como mais de 14,4 milhões de brasileiros lançados na incerteza, tragados pela crise econômica. Pede dinheiro, tem a chave do PIX. Não sabe o que comerá amanhã. Teme pela saúde e pela vida dos filhos. O engravado, dentro do carro funcional com ar condicionado e motorista particular, nem sequer mexe os olhos. Tem pressa de chegar ao almoço com os financiadores de campanha. Tateia o celular de última geração em busca da cotação do dólar e da agenda de reuniões com os lobistas. A vida é curta demais para se preocupar com amenidades.

Incomoda, sim. O retrato dos pais colocado na mesinha da sala que virou santuário. Das cadeiras vazias à mesa. Deram lugar à saudade. A alegria da família roubada pela covid-19, pela letargia política, pelo desprezo com a saúde e a dignidade humana. Saudade que rasga a alma ante o luto inacabado. Não houve despedida, não houve caixão aberto nem a sensação de finitude. Incomoda tantas mazelas em um Brasil que poderia ser potência mundial. A fome voltou. A inflação, o desemprego, o luto. Ficamos cada vez mais órfãos de esperança.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara”
Camões, e VII e 14

ÁLVARO TEIXEIRA DA COSTA
Diretor Presidente

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Paulo Cesar Marques
Diretor de Comercialização e Marketing

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Diretor Financeiro

Plácido Fernandes Vieira e Vicente Nunes
Editores executivos

CORPORATIVO
Josemar Gimenez
Vice-presidente de Negócios Corporativos

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax: (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526, 3214.1211; Fax: (61) 3214.1205 - Sucursal São Paulo: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732, 7º andar - Jardim Paulista - CEP: 01403-000 - São Paulo/ SP Tel: (11) 3572-0022; E-mail: associadospp@uigigga.com.br - Sucursal Rio de Janeiro: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar - São Cristóvão - CEP: 20940-200 - Rio de Janeiro/ RJ, Tel: (21) 2263-1945; E-mail: sucursalarj@uigigga.com.br - REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo - Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 - Barro Preto - CEP: 30180-070 - Belo Horizonte/MG; Tel: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midiaabrilcomunicacao.com.br - Região Sul - HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Marinho, 33 sala 608 - Menino Deus - CEP: 90160-240 - Porto Alegre/RS; Tel: (51) 3231-6287; E-mail: hmr@hmrmultimidia.com.br - Regiões Nordeste e Centro Oeste - Goiânia: Exito Representações - Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C.2, Jardim Planalto - CEP: 74333-140, Goiânia-GO - Telefones: 62 3085-4770 e 62 98142-6119. Brasília: Sá Publicidade e Representações, SCS Qda 02 Bl. D - 15º andar - Ed. Oscar Niemeyer - salas 1502/3 - CEP: 70.316-900 - Brasília/DF; (61) 3201-0071/0072; E-mail: Thiago@sapublicidade.com.br - Região Norte - Meio & Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K - Ed Embassy Tower, salas 701/2 - CEP: 73.340-000 - Brasília/DF; Tel: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela Reuters, AFP Agência Noticiosa Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e DA Press, Tel: (61) 3214-1131.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
Assinante/leitor/ classificados: 3342-1000

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			RS 755,87
			360 EDIÇÕES
			(promocional)

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/ sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568/0800-647-7377. Fax: (61) 3214.1595.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br



Agenciamento de Publicidade